

MULHERES NEGRAS PROFESSORAS: DAS BARREIRAS RACIAIS A ASCENSÃO SOCIAL.

Nilvaci Leite de Magalhães MOREIRA¹
UFMT

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo investigar as trajetórias de vida de professoras negras da Baixada Cuiabana, buscando evidenciar as experiências raciais sofridas pelas professoras, e o protagonismo em busca da ascensão social. A pesquisa teve abordagem qualitativa, tendo como metodologia a História Oral, utilizando como técnica para coleta de dados a história de vida fundamentando-se em Queiroz (1991), Thompson (1992) e Bourdieu (2005). Para fundamentar as análises feitas nesta pesquisa, busquei a sustentação teórica nos estudos entre outros: Azevedo (1955), Gomes (1995), Teixeira (2003), Oliveira (2003) e Müller (2006,2009). Coletou-se a história de vida de 20 professoras, porém para este artigo utilizou-se somente a história de vida de duas professoras negras. Para o processo de escolha das entrevistadas levou-se em consideração os seguintes critérios: mulheres negras professoras, atuante da rede pública de ensino. Os relatos das professoras revelaram que suas trajetórias de estudos foram marcadas por situações de preconceito e discriminação racial em relação ao seu pertencimento racial. Constatou-se que o cenário que envolveu as perseguições, a produção de estereótipos no ambiente escolar são consequências das teorias racistas do século XIX que foi cristalizado no imaginário da sociedade brasileira. Foi possível observar a importância da formação do professor na desconstrução desse imaginário e que essas professoras mesmo tendo seu percurso escolar acidentado, conseguiram romper com obstáculos do preconceito e da discriminação racial, conquistando sua ascensão social através da educação.

Palavras-chave: Professoras Negras. Histórias de Vidas. Ascensão Social.

Introdução

Trata-se de um estudo sobre “Trajetória de vida de professoras Negras”, que integra o Projeto Construindo novas identidades culturais: educação e mulheres em Mato Grosso, do Núcleo de Pesquisa sobre Relações Raciais e Educação - NEPRE, da Universidade Federal de Mato Grosso. Pretende-se neste trabalho investigar as trajetórias de vida de duas professoras negras, atuante da rede pública de ensino da d Baixada Cuiabana, localizada no Estado de

¹ Mestra em Educação, pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação/NEPRE da Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT. nilvacimagalhaes@gmail.com.

Mato Grosso, buscando evidenciar as experiências raciais sofridas pelas professoras e o protagonismo em busca da ascensão social.

Nesse contexto, objetiva-se especificamente: a) compreender as situações e as formas de enfrentamento a cerca das discriminações raciais que as professoras vivenciaram no percurso escolar e profissional, b) analisar o processo de ascensão social conquistadas por essas mulheres.

O interesse em realizar esta pesquisa se consolidou a partir de dois momentos importantes: primeiro, a minha experiência pessoal, que como mulher negra, me deparei com várias situações negativas de preconceito e discriminação que me impulsionaram para o enfrentamento ao longo da minha caminhada, porém com muita luta contornei esses obstáculos e concluí um curso superior. Outro aspecto marcante foi os depoimentos de várias professoras negras nas conversas informais do dia-a-dia sobre episódios de discriminação racial que sofreram durante seu percurso escolar e trajetória profissional, sempre enfatizando a superação e a satisfação dos avanços profissionalmente conquistados.

A discriminação e o preconceito racial são fenômenos construídos e que marcam negativamente a vida de uma pessoa. Estudar sobre a vida de professoras negras, através de seus relatos, tornou-se fonte importante de informação para buscarmos entender as seguintes indagações: como o processo de experiências de cunho racista e discriminatório nas trajetórias de vida de duas professoras negras foi enfrentado e superado? Como essas mulheres conseguiram vencer as barreiras raciais e conquistar a ascensão social numa sociedade racista?

A pesquisa foi realizada numa metodologia de abordagem qualitativa. Para Minayo (2007) a pesquisa qualitativa nas Ciências Sociais se preocupa em trabalhar com o “universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, e que o universo da produção humana no mundo das relações, das representações e intencionalidade dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos” (p. 21).

Para conhecer o percurso escolar e profissional das professoras, optou-se pela metodologia da História Oral. Para Thompson (1992), a história oral é tão antiga quanto à própria história. O autor ao experimentar os instrumentos de entrevistas nos moldes sociológicos, percebeu a riqueza e a importância da memória dos sujeitos anônimos para a construção da história social.

Thompson² ao ouvir pessoas, as descobriu como importantes testemunhas do passado sempre com algo interessante a dizer. História oral é uma metodologia que busca uma conexão entre o passado e o presente, a partir de relatos da vida cotidiana de alguém. Nesse contexto, Queiroz (1991, p.2) salienta que o relato oral “constitui a maior fonte humana da difusão do saber e a maior fonte de dados para as ciências em geral”. Segundo a autora na transcrição “a narrativa oral se transforma num documento semelhante a qualquer outro texto escrito” (Queiroz, 1991, p.5). Dentre as diversas técnicas de coletas de dados que compõem a história oral, optou-se pela história de vida, por concebê-la como uma técnica que envolve parcialmente a subjetividade da pessoa, isto é, permite reportar a um passado repleto de sentimento, emoções, valores, perspectivas e superação.

Dessa forma, a história de vida é definida como “o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu” (QUEIROZ, 1991, p. 6).

Nesse sentido, o ser humano ao narrar sua história de vida compreende tocar em questões profundas do seu íntimo, que mesmo de forma inconsciente passa a vir à tona toda sua vivência e experiências adquiridas ao longo do tempo, envolvendo a si e ao outro. Como descreve Bourdieu (2005, p. 183), falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história [...] uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história. Para Bourdieu, a história de vida “É o que diz o senso comum, isto é, a linguagem simples, que descreve a vida como um caminho, uma estrada, uma carreira, com suas encruzilhadas, seus ardis e até mesmo suas emboscadas [...]”. Assim, a coleta dos dados será realizada, procurando não interferir nos relatos para não correr o risco de desqualificar o objetivo da pesquisa.

Para operacionalizar a intenção deste estudo, optei por fazer entrevista do tipo semiestruturada com as professoras. Embora fossem selecionadas 20 professoras para a efetivação desta pesquisa, considerou-se necessário para análise neste artigo o depoimento de apenas duas professoras, uma do município de Cuiabá e outra do município de Várzea Grande. Para o processo de escolha das entrevistadas, a pesquisadora levou em consideração os seguintes critérios: mulheres negras professoras e atuantes da rede pública de ensino.

As duas entrevistadas possuem curso superior com especialização, declararam serem as principais provedoras de seus lares e oriundas de famílias de camadas populares e de baixa

² Citado por (FREITAS, 1992, p.15).

renda. Como forma de preservar a identidade das professoras, será aqui identificada com os nomes fictícios de Ana Lúcia e Olga. A professora Ana Lúcia, tem 53 anos, natural de Rondonópolis/MT, é pedagoga, efetiva da rede estadual, leciona no município de Cuiabá, possui 27 anos de experiência no magistério. A professora Olga tem 56 anos, natural de Nossa Senhora do Livramento/MT, é formada em Letras, efetiva da rede municipal de ensino de Várzea Grande/MT, possui 30 anos de experiência profissional. Ambas trabalham com a modalidade de ensino fundamental e autodeclararam serem de cor preta.

Os relatos das professoras revelam que suas trajetórias de estudo foram marcadas por situações de preconceito e discriminação racial, as quais remetiam ao tipo de cabelo e a cor da pele das entrevistadas. Nesse sentido, Müller (2006) afirma que em nossa sociedade, a cor de pele, tipo de cabelo e outros traços fisionômicos são tidos como indicadores de diferenças e desigualdades, ressaltando que quem tem a pele escura é tratado como se fosse inferior.

Dessa forma, os relatos a seguir, demonstram o exposto pela referida autora:

[...] então todo dia pra isso não acontecer (perseguição dos colegas), eu tinha que ser a primeira a sair da sala de aula e correr, porque eles vinham atrás de mim me xingando e falando palavrões até eu passar esse trecho [...] ali onde eles moravam, eu passava correndo. Os xingamentos eram referentes ao meu cabelo, porque na realidade eles procuravam diminuir minha autoestima fazendo essa relação do feio com meu cabelo [...] todo o meu sofrimento, minha angústia com eles era por causa do cabelo. (Olga, Várzea Grande).

[...] eu passava muita raiva, agora o meu cabelo é assim, curtinho, mas antes ele era um cabelo gigantesco. Então eu não tinha aquele jeito de arrumar ele. Então eles pegavam carrapichos, espetava (sic) no meu cabelo que ficava cheio de carrapichos. Para tirar eu chorava, porque doía, isso acontecia na hora do recreio e na hora de ir embora. (Ana Lúcia, Cuiabá).

O relato acima mostra uma forte situação de discriminação racial vivenciado pelas depoentes durante a sua trajetória de estudos. Percebe-se que muitas situações conflitantes nas relações raciais entre os alunos advêm de brincadeiras pejorativas, apelidos depreciativos e xingamentos tendo como referência a cor da pele e o cabelo. Segundo Gomes (2003), nesse processo histórico e cultural brasileiro, as mulheres negras constroem sua corporeidade num movimento tenso de rejeição/aceitação, negação/afirmação do corpo, sendo o cabelo um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo, isto é, constitui uma simbologia que difere de cultura para cultura.

Santos (2007), em sua pesquisa sobre as relações entre alunos negros e não negros no contexto escolar, destacou que nas relações entre alunos a concepção de inferioridade caracteriza-se para além da cor, isto é, este deixa de ser num primeiro plano a marca da diferença, dando lugar ao atributo cabelo. Essa autora constatou ainda que o recreio para os

negros representa um momento difícil a qual são obrigados a viver sob o signo da ideia de inferioridade a respeito de seu pertencimento racial.

Essa situação também ocorre na relação professor aluno. Nas escolas brasileiras alguns professores ainda tratam alunos negros com menosprezo e inferioridade. Como sintetiza Muller (2009, p. 25) “a cor da pele é motivo frequente de insulto e também de piadas”. No que se refere à discriminação que as mulheres negras sofreram por parte de seus professores no ambiente escolar, notamos por meio do relato da professora Ana Lúcia, o tratamento diferenciado dispensado entre as crianças brancas e negras:

Lembro que quando eu estudava na roça, eu tinha meus 7 pra 8 anos, a gente pegava água muito longe, num poço,[...] pra fazer leite em pó.[...] Era só eu, meus irmãos e mais duas pessoas negras que buscava. [...] E era longe para buscar a água [...]. Trazíamos água na cabeça, ajudava a professora a fazer o leite, e na hora de tomar o leite, eu nunca esqueci isso... a gente era o último a tomar o leite, isso se sobrasse. [...] Eu chorei várias vezes. [...] Isso me marcou bastante (Professora Ana Lúcia/ Cuiabá).

Diante do relato desse episódio, a professora manifestou um sentimento de mágoa pelo tratamento recebido pela sua professora. Percebe-se que nestas relações, ela agia de forma inconsciente, cristalizado pelo imaginário social construído ao longo da história sobre o indivíduo negro. A discriminação racial sofrida pelas entrevistadas evidencia a existência de um tratamento desigual no ambiente escolar e que as práticas discriminatórias manifestadas por meio dos insultos advindos pelas professoras muitas vezes são concebidas como naturais. Essa questão é salientada por Müller (2009, p. 25) quando esclarece que “o preconceito é naturalizado, e quem assiste ou comete um ato preconceituoso nem percebe que está sendo cometida uma injúria grave, que fere os sentimentos e a autoestima do ofendido”.

Gonçalves (2007) investigando a percepção dos professores sobre desempenho escolar de alunos negros constatou evidências de tratamento diferenciado, que vai desde a entrada da criança na escola, o não reconhecimento ou desconfiança de suas potencialidades, até a submissão de castigos e punições. A autora afirma que “o fraco desempenho do aluno negro se deve fundamentalmente, não a um problema do aluno, mas a um conjunto de condições escolares que dificultam ou até impossibilitam seu sucesso acadêmico”. (p. 75)

Diante desse contexto, Cavalleiro contribui (2003) salientando que:

No espaço escolar há toda uma linguagem não verbal expressa por meio de comportamentos sociais e disposições – formas de tratamento, atitudes, gestos, tons de voz e outras, que transmite valores marcadamente preconceituosos e discriminatórios, comprometendo, assim, o conhecimento a respeito do grupo negro. Como ao negro estão reservados, na sociedade, papel e lugar inferiores, pode-se afirmar que essa linguagem o condiciona ao

fracasso, à submissão e ao medo, visto que parte das experiências vividas na escola é marcada por humilhações (p.98-99).

Desta forma podemos observar que, a visão de alguns professores em relação à criança negra ainda é um forte elemento de disseminação da discriminação e do preconceito racial no espaço da escola, como também contribui na construção cultural e da identidade da criança negra. Cavalleiro (2003) destaca que, esses atos cometidos pelos professores, mesmo considerados de forma inconscientes em relação às crianças negras, magoam e marcam, provavelmente pela vida afora. Para autora, escola ao se achar igualitária, livre de preconceito e discriminação, acaba perpetuando desigualdades de tratamento e oportunidades.

Nesse sentido, podemos perceber que é importante que as escolas discutam sobre as questões raciais ocorridas em seus espaços, aprofundando na questão da discriminação do segmento negro e, sobretudo, evidenciando a valorização, o reconhecimento e a contribuição do negro na construção do país e na formação do povo brasileiro. Para Gonçalves (2007) é necessário romper com o silêncio que abarca a discussão da questão racial na escola, uma vez que se mantendo na desinformação garantirá o descompromisso com uma questão social das mais agudas e polêmicas em termos de envolvimento. Dessa forma, “a escola é concebida como um espaço fundamental para que se estabeleça um diálogo significativo com as novas gerações sobre o respeito às diversidades” (Gonçalves, 2007, p. 76).

Dessa forma, diante dos relatos das entrevistadas pode se constatar que a formação continuada pode contribuir de forma significativa numa nova percepção dos educadores, buscando incorporar uma nova postura profissional frente às questões raciais no cotidiano da escola. Sobre a relevância da formação continuada dos professores atinente à temática racial, Müller (2009) enfatiza que o professor é o elemento essencial na mediação entre o aluno, os conhecimentos e conteúdos culturais difundidos na e pela escola, sendo que é por meio de sua atitude e prática que a escola age e consolida a sua existência.

Diante dos percalços vividos (estereótipos, estigmas, insultos) pelas professoras desde a sua infância, é inegável a luta que a população negra trava diariamente para continuar rompendo essas barreiras, buscando superar-se e atingir melhores condições de vida.

A conquista pela ascensão social

O segundo ponto a ser discutido neste artigo diz respeito à conquista da ascensão social pelas mulheres negras através da educação. Ao retornar ao passado pelas histórias de vida das professoras, foi possível perceber que algumas profissões transitaram na vida das entrevistadas, porém a maioria delas relatou que ao entrar no mercado de trabalho, seu

primeiro emprego foi como empregada doméstica. Embora oriundas de famílias carentes e humildes, as professoras viam o trabalho doméstico apenas como uma alternativa para suprir suas necessidades, mas não duradoura, demonstrando sempre vontade de mudar de vida, de estudar e se qualificar.

Meu primeiro emprego foi de doméstica. Comecei a trabalhar cedo com 16 anos, ainda no ensino médio. O trabalho doméstico era a única fonte de renda que eu tinha. Como a gente era pobre e a expectativa era pouca, era a única oportunidade que me apareceu. Mas eu sempre falava assim: eu estou como doméstica, mas não quero ser doméstica pra vida inteira, eu vou estudar pra não ser mais doméstica. (professora Olga, Cuiabá).

A professora Olga, buscou o magistério como caminho possível para ascender-se socialmente. Isto é, ser professora representou a possibilidade de estabelecer-se profissionalmente, ter um rendimento e adquirir certo status social.

Fiz o magistério, e inicialmente por questão de sobrevivência, comecei a trabalhar, amei! Tanto é que não saí mais. Fiz o magistério e isso me segurou no campo da educação. [...] era como o meu pai dizia, eu estava estudando pra ter um emprego bom. (Olga, Várzea Grande).

Para Müller (2003), “entende-se hoje que uma profissão como a do magistério que exige estudo especializado, promova certa mobilidade social. Ainda mais em se tratando de cargo público que garante, por si só, uma renda, modesta, porém constante” (p. 77). Nesse sentido, percebe-se que todas as professoras, sujeitos desta pesquisa passaram por um processo de educação formal, e dela se apropriam para desenvolver a formação humana pela profissão que escolheram ou foram induzidas a escolher.

Durante as entrevistas, as professoras idealizavam a vontade de trilhar novos rumos, anunciando durante a trajetória escolar e profissional seus projetos de vida, conquistar uma graduação e garantir condições de vida melhor. Neste estudo, compreendo projeto dentro de um contexto subjetivo, na perspectiva de realização pessoal, com propósitos pré-definidos, porém, podem mudar de acordo com as circunstâncias para atender a um coletivo.

Segundo Gilberto Velho (2003), os projetos individuais existem no mundo da intersubjetividade, aparece como instrumento básico de negociação da realidade com outros indivíduos ou coletivos. Para o autor, “o projeto não é abstratamente racional, mas resultado de uma deliberação consciente a partir das circunstâncias, do campo de possibilidades em que está inserido o sujeito” (p. 103).

As entrevistadas relataram que já ocuparam cargos de direção e de coordenação na escola em que atuam ou em outras onde já atuaram, enfatizando que não foi fácil a permanência no cargo devido à resistência da maioria dos colegas.

Como destaca Gomes (1995), a chegada ao magistério para a mulher negra constitui a culminância de múltiplas rupturas e afirmações, a saber, a luta pelo prosseguimento dos estudos, uma profissão que dá garantia de ter espaço no mercado de trabalho, uma profissão que possibilite dar espaço para atuar em outro trabalho e ou conciliar às atividades do lar. A autora afirma que o segmento negro para ascender, tem de enfrentar um caminho espinhoso, tendo em vista que há mecanismos sociais definidos culturalmente na nossa sociedade, que são utilizados para inibir o negro e o mulato que ameaçam sair do seu “lugar” e, por isso, é preciso que o negro encontre mecanismos também sociais de enfrentamento.

A universidade é indiscutivelmente para as mulheres negras a via de acesso para outras fontes de trabalho mais prestigiados. As entrevistadas relataram sobre os diversos momentos de superação e conquistas em suas vidas, as quais viram a possibilidade de concluir um curso superior para avançar profissionalmente.

Para Teixeira (2003), o ingresso na universidade para muitas pessoas marcam a descoberta de um novo indivíduo, que considera ser mais valorizado do que antes. Segundo a autora, “a educação formal é, de fato, o veículo de ascensão social”. (p. 36). No Brasil, o acesso a uma universidade pública parece ser ainda um gargalo para a população negra. Embora na última década houvesse avanços no acesso ao ensino superior, decorrente da implementação de políticas de ação afirmativa como as cotas e o PROUNI, a diferença entre negros e brancos ainda é marcante.

Por meio das histórias de vida das professoras, percebeu-se que embora marcadas por preconceito e discriminação, confrontaram com outras situações de dificuldades como a da situação financeira, que também se constituiu um obstáculo no seu projeto de vida, mas que não as impediram de lutar e a se tornarem professoras, conquistando mesmo de forma sofrida, a sua ascensão profissional.

Para Santos (2007, p. 31), tornar visível o sucesso e ascensão do negro em uma sociedade que o discrimina, possivelmente é uma estratégia de encorajamento e estímulo aos negros que estão ou vão entrar no processo de busca da sua ascensão social.

Considerações Finais

No campo que se propõe a pesquisa no sentido de investigar as trajetórias de vida de professoras negras da Baixada Cuiabana, busco compreender como se deu o contexto escolar vivenciada pelas professoras negras marcadas pelas relações raciais, as situações de enfrentamento e busca pela ascensão social.

Discutir sobre o percurso escolar e profissional das professoras negras possibilitou-nos a dar visibilidade a histórias de vida marcadas pelo silêncio, ressentimento, aborrecimento, desrespeito, mas também de lutas, enfrentamentos, resistência e superação.

Permitiu-nos a apreender neste estudo que o preconceito e a discriminação racial ainda estão presentes na vida de mulheres negras, mas que essas mulheres contaram com mecanismos para superar os obstáculos e conquistar seu espaço profissional. Percebeu-se nesta pesquisa que o cenário que envolveu perseguições, a produção de estereótipos, é decorrente de teorias racistas assimiladas no século XIX e que foi cristalizado no imaginário da sociedade brasileira. Pode se constatar que a formação continuada pode contribuir de forma significativa na percepção de docentes, redesenhando uma nova postura profissional frente às questões raciais no cotidiano da escola, no intuito de desconstruir esse imaginário.

Muitas mulheres negras em nosso país são rejeitadas no mercado de trabalho pela questão da aparência, numa atitude extremamente discriminatória, sendo que as mulheres pretas são as mais atingidas, têm os caminhos mais árduos do que as pardas, posto que no Brasil conforme vai diminuindo a melanina da pele, vai agregando valor ao ser humano, principalmente o estético. Esse tipo de atitude restringe a mulher negra de escalar novos degraus profissionalmente.

Numa sociedade desigual como a nossa, a figura da mulher negra é difundida de forma negativa, sendo penalizada duplamente, a qual quesito cor, seguido de aparência física são determinantes no acesso aos espaços de poder.

Entretanto, foi possível constatar que essas professoras mesmo tendo seu percurso escolar acidentado, conseguiram romper com obstáculos do preconceito e da discriminação racial e buscaram através da educação, principalmente do acesso ao curso superior, a possibilidade de ascender-se profissionalmente. Para muitas dessas mulheres negras, ser professora significa além da inserção no mercado de trabalho, adquirir status social e ser reconhecida intelectualmente.

Referências

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. 6. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

CAVALLEIRO, E. **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

_____. **Cultura negra e educação.** In: Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n.23, mai/ago.2003.

GONÇALVES, Vanda Lúcia Sá. **Tia, qual é meu desempenho?** : Percepções de professores sobre o desempenho escolar de alunos negros. Coleção Educação e Relações Raciais, 7, Cuiabá:EdUFMT,2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2007.

MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues. Relações raciais nas escolas de Mato Grosso. In: MÜLLER, Maria Lúcia R.; PAIXÃO, Lea P. (orgs.). **Educação, diferenças e desigualdades.** Cuiabá: EdUFMT, 2006.

_____. **Educação e diferenças: os desafios da lei 10.639/03.** In: MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues, COSTA, Candida Soares Da. SANTOS, Ângela Maria dos. GONÇALVES, Vanda Lúcia Sá. (Orgs). Cuiabá, EdUFMT, 2009.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva.** São Paulo: T. A. Queiroz, Editor, 1991.

SANTOS, Ângela Maria dos. **Vozes do Silêncio do Cotidiano Escolar: as relações raciais entre alunos negros e não negros.** Coleção Educação e Relações Raciais, vol. 4, Cuiabá: EdUFMT, 2007.

TEIXEIRA, Moema de Poli. **Negros na Universidade:** identidade e trajetórias de ascensão social no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado – História oral.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.

VELHO, Gilberto. **Projeto Metamorfose:** antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.